

Do isolamento social ao discipulado: uma leitura pastoral de Marcos 3,13-19 em tempos de pandemia

From social isolation to the discipleship: a pastoral reading of Mark 3,13-19 in times of pandemic

Marcus Aurélio Alves Mareano¹
Robson Ribeiro de Oliveira Castro²

Resumo

A presente reflexão surge a partir do contexto de pandemia no qual vive o mundo. Um momento desafiador que nos convida a retornar ao essencial das nossas vidas. Assim, tomamos o texto bíblico de Marcos 3,13-19 para recordar o chamado de Deus aos discípulos e a nós na atualidade. Partimos de uma breve percepção da realidade de crise provocada pelo vírus e, em seguida, focamos nas Escrituras o tema do discipulado. Elegemos o evangelho de Marcos para nos comunicar algo para o presente tempo. Olhamos como esse evangelho apresenta o discipulado em sua narrativa e, finalmente, abordamos o convite de Jesus a seus discípulos para segui-lo. Priorizamos uma perspectiva pastoral mais do que exegetica. Interpretamos essa perícopes como um apelo para os leitores contemporâneos igualmente seguirem o mestre Jesus. A lista dos 12 se estende a nossos dias para que se inscrevam nossos nomes na dinâmica de discípulos-missionários de Jesus, mesmo em isolamento social.

Palavras-chave

Pandemia. Francisco. Marcos. Discipulado.

Abstract

This reflection arises from the context of the pandemic which the world now lives. This is a challenging moment that invites us to return to the essentials of our lives. Thus, we take the biblical text of Mark 3,13-19 to record the call of God to the disciples and to us today. We start from a brief perception of the reality of the crisis caused by the virus and then focused on the scriptures with the theme of discipleship. We chose the gospel of Mark to communicate something for the present time. We look at how this gospel presents or discusses its narrative and finally we addresses Jesus' invitation to his disciples to follow. We prioritize a pastoral perspective more than exegetical. We will give priority pastoral perspective more than exegetical. We interpret this point of view as a resource for contemporary readers to follow the master, Jesus. Discipleship extends into our days for us to register our names for the mission even when in social isolation.

Keywords

Pandemic. Francis. Mark. Discipleship.

¹ Doutor em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) e pela Universidade Católica de Lovaina. Mestre e bacharel em Teologia pela FAJE. Bacharel em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Contato: marcusmareano@gmail.com.

² Mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Especialista em Direito Matrimonial Canônico pela Faculdade São Bento do Rio de Janeiro (FSBRJ). Licenciado em História pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF). Professor do Instituto Teológico Franciscano (ITF). Contato: robsonrcastro@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

Em meio a tantas vozes que ouvimos em nossa sociedade tão conturbada e dispersiva, sobretudo nesse contexto de pandemia, há uma que nos dá repouso e na qual encontramos sentido para a existência: a voz de Deus.

No tempo de Jesus, há aproximadamente dois milênios, as pessoas também procuravam um norte para a vida. Passavam vários pregadores itinerantes nas cidades e reuniam multidões. Os líderes religiosos daquele tempo (fariseus, saduceus etc.) possuíam a tarefa de ensinar as Escrituras e, assim, geravam a expectativa do Messias enviado por Deus para corresponder aos anseios de todos. Dessa forma, o povo vivia com seus costumes religiosos e um pouco conformado com o domínio romano.

Entretanto, o nazareno Jesus causa assombro a seus ouvintes: a multidão acorre a ele, a fim de ser curada. Muitos são acolhidos por ele sem julgamentos escrupulosos e percebem um ensinamento novo, com autoridade. Será ele o Messias? Alguns acreditaram, seguiram e transmitiram o que viram e ouviram dele.

A mensagem de Jesus não consiste apenas em seus ensinamentos registrados nos evangelhos, mas, sobretudo, em sua vida, em seus gestos e ações que comunicavam Deus. Um anúncio de tal proporção não poderia ficar esquecido no passado. Por isso, outros continuaram a vida de Jesus, movidos pelo mesmo Espírito que o impulsionou e traduzindo a boa notícia de seu amor para todos os tempos, lugares e pessoas. Naquele tempo, Jesus chamou 12. Hoje, ele chama muitos outros ao mesmo seguimento, à acolhida de sua voz, para agir conforme o Espírito Santo.

A partir de uma aproximação aos desafios atuais para o discipulado, leremos o convite que Deus nos faz a segui-lo, analisando as narrativas da Escritura sobre o discipulado, contida no texto bíblico de Mc 3,13-19 para recordar o chamado de Deus aos discípulos e a nós na atualidade.

Focalizaremos no evangelho de Marcos e, especificamente, no chamado dos 12 apóstolos, com a intenção de oferecer um contributo para a compreensão do apelo de Deus nos tempos difíceis pelos quais a humanidade passa. Utilizaremos uma análise bibliográfica e articularemos o debate com autores e estudiosos no texto bíblico, além do papa Francisco, para dialogar com a pandemia e os desafios para o discipulado na atualidade.

1 DESAFIOS PARA O DISCIPULADO FRENTE À PANDEMIA

Os tempos atuais, difíceis e cada vez mais indecisos, nos convidam para uma avaliação e valorização do essencial, que seria: despojar-se dos supérfluos acumulados na vida. Momento de nos questionarmos sobre nosso seguimento a Cristo. A condição em que vivemos hoje, influenciada pelos meios digitais, nos compromete a refletir sobre nossa conduta e realidade. Recordamos o medo inicial dos 12 e suas constantes perguntas e indagações a Jesus a respeito de seu próprio caminho, de sua própria vida, de sua família e, acima de tudo, do projeto de vida

de cada um deles. De nossa parte, será que, se soubéssemos do final de tudo, aceitaríamos o que Cristo propôs? Será que conseguiríamos ter calma para esperar os acontecimentos, já que o Messias, tão esperado e anunciado pelos profetas, veio, mas para muitos era apenas mais um que passava pela Terra?

As respostas que nos recorrem são as mais variadas, mas, hoje Jesus também se faz presente, nunca deixando de lado seu propósito de caminhar junto a seu povo. Para tanto, é urgente analisar a nossa realidade tão diversa. Nesse momento, quando a esperança parece esvair-se por entre os dedos, encontramos muitos relatos de pessoas que não se sentem próximas às outras e indicam solidão e ausência dos familiares.

Diante desta realidade de uma pandemia, no dia 27 de março de 2020, na Praça de São Pedro, o papa Francisco fez uma reflexão sobre o caminho dos discípulos. Seu pronunciamento se deu em uma realidade de medo e dificuldade dos discípulos, quando eles passam por uma tempestade.³ No trecho de Mc 4,35-41, no versículo 40, Jesus indaga os discípulos sobre o medo e sua fé. Neste contexto pandêmico vivido na atualidade, somos confrontados a todo instante sobre nossa fé e nosso propósito como discípulos.

O papa Francisco nos convida a experimentar a esperança que o Senhor nos traz, mesmo diante da constante realidade de insegurança: “O Senhor interpela-nos e, no meio da nossa tempestade, convida-nos a despertar e ativar a solidariedade e a esperança, capazes de dar solidez, apoio e significado a estas horas em que tudo parece naufragar. O Senhor desperta, para acordar e reanimar a nossa fé pascal.” (FRANCISCO, 2020).

Para alicerçar a realidade social e a nossa própria condição, é preciso que estejamos atentos em ser, como nos pede o papa Francisco, um hospital de campanha, ou seja, cuidar dos que chegam feridos e sair em busca dos excluídos ou que se afastaram; ter uma fé mais humana e que se aproxime do outro. Assim, é preciso ter uma fé que esteja longe do materialismo e do consumismo. O combate ao individualismo, um dos problemas apresentado por Francisco, é uma das maiores dificuldades que o ser humano enfrenta.

A fé católica de muitos povos encontra-se hoje perante o desafio da proliferação de novos movimentos religiosos, alguns tendentes ao fundamentalismo e outros que parecem propor uma espiritualidade sem Deus. Isto, por um lado, é o resultado duma reação humana contra a sociedade materialista, consumista e individualista e, por outro, um aproveitamento das carências da população que vive nas periferias e zonas pobres, sobrevive no meio de grandes preocupações humanas e procura soluções imediatas para as suas necessidades. (EG 63).

Por isso, ao elucidar a palavra do papa, esse momento é propício para uma reformulação de nossa vida, deixando o individualismo. Diante disso, é preciso fazer o caminho do discipulado e do acolhimento, pois, “uma parte do nosso povo batizado não sente a sua pertença à Igreja, isso deve-se também à existência de estruturas com clima pouco acolhedor em algumas

³ Marcos 4,35-41.

das nossas paróquias e comunidades, ou à atitude burocrática com que se dá resposta aos problemas, simples ou complexos, da vida dos nossos povos.” (EG 63).

Assim, nessa conduta ética, observemos o que vamos fazer em prol do outro. Consideremos o caminho feito até agora para seguir nossa proposta de vida e olhar para os mais necessitados e se compadecer de sua dor e dar-lhe o devido apoio. A Igreja mantém, principalmente, essas duas posturas em relação ao sofrimento: por um lado, cura e alivia; por outro, dá suporte e forças para superá-lo. Por isso, a Igreja, como sugere Halík, “não deve ficar num seu esplêndido isolamento do mundo, mas derrubar as suas próprias fronteiras e ir, levar ajuda a todos os lugares onde existam pessoas, física, mental, social e espiritualmente necessitadas” (HALÍK, 2020, p. 7).

Em tempo de isolamento social, nosso olhar precisa estar voltado para os mais necessitados e sofredores que imploram, mesmo que sem falar, por um acolhimento. É a estes a quem Jesus chama de irmãos e com estes é misteriosamente solidário. A identificação de Cristo com o miserável e desprovido é um dos aspectos mais sublimes da mensagem evangélica. De fato, ao encarnar-se, o filho de Deus veio para servir; não para ser servido. Por isso, curou os doentes, aliviou o sofrimento dos que padeciam, esteve com os marginalizados, não por alguma qualidade moral, mas por amor.

Assim, quando o fiel se depara com o projeto de discípulos que Cristo apresenta, coloca-se atento ao amor pelo próximo e suas condições. O Evangelho convida, antes de tudo, a responder a Deus que nos ama e salva, reconhecendo-o nos outros e saindo de nós mesmos para procurar o bem de todos. O ideal de uma Igreja missionária, não ensimesmada, que vai às periferias existenciais, é o que o papa Francisco nos propõe:

Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida. Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mc 6,37) (EG 49).

Com o avanço cada vez mais audacioso da internet e dos meios de comunicação, é possível encontrar um emaranhado de pessoas que, diante da situação e do isolamento social, encontram na evangelização virtual a melhor forma de continuar com suas práticas diárias e fortalecer a sua fé. O grande desafio é a continuidade das atividades em cada comunidade. Desta forma, a internet tem prestado um grande serviço a todos nós e sua utilização tem sido bem mais consciente. Uma realidade na situação atual é que antes nunca nos preocupamos tanto com

nossos familiares, principalmente com os mais idosos; o medo da perda é algo que consome o ser humano.

O que efetivamente vem acontecendo é uma mudança cultural, ou seja, uma mudança nos critérios últimos de se compreender a vida no seu conjunto e a dimensão religiosa dentro dela. O Evangelho permanece o mesmo. Muda o instrumento pelo qual o Evangelho é transmitido. O desafio, em mudanças de época, consiste em distinguir entre o que é essencial na vivência e o que é marca cultural de tempos que não voltam mais (AMADO, 2009, p. 20).

Por isso, as diversas formas de oração e as manifestações que se atribuem ao Espírito são, de alguma maneira, eficazes mesmo com o isolamento social e os templos fechados. A evangelização cristã nunca pode deixar de ter uma certeza: Jesus é o exemplo de evangelização inspiradora. Jesus fez de sua vida uma constante caminhada e sempre se colocou no lugar do outro.

Diante da realidade dos 12, aqueles que Cristo escolheu, temos a certeza de que o projeto de Deus é para aqueles que se colocam no lugar dos outros e estão atentos às suas condições e realidades. Eles eram homens comuns. Não possuíam riquezas, nem formação acadêmica, nem posição social privilegiada. Jesus os escolheu dentre o povo comum, do cotidiano, sem educação especial, sem vantagem social.

Hoje, na complexidade da vida e da organização da Igreja contemporânea, muitas vezes, em tantas comissões e comitês, ocupamo-nos em fazer funcionar a estrutura eclesial com o risco de esquecer que nada tem importância se os atores forem pessoas que não estiveram com Cristo. Logo, retornemos à essência da vocação cristã: o discipulado.

2 O DISCIPULADO NA SAGRADA ESCRITURA

Nossa existência é caminhada e movimento rumo a algo. Se em algum dia experimentamos verdadeiramente a Jesus Cristo, então ele se torna a meta para a qual tendem todas as nossas ações e o princípio no qual baseamos nossa vida. Este é o processo do discipulado: encontrar-se com Cristo e segui-lo.

Nas narrativas bíblicas, Deus toma a iniciativa de encontrar com o ser humano e se relacionar com ele. Criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,27), o homem tem seu habitat na comunhão com Deus (Gn 2,4-25). Mas, por vezes, o drama do pecado distancia a criatura do criador, descumprindo-se a finalidade para a qual foi criada. Deus não desiste da obra prima de suas mãos e elege líderes (Noé, Abraão, Moisés etc.), por meio dos quais faz alianças com o povo e com a humanidade (Gn 9; 17; Ex 19) para que o ser humano viva sua vocação primária. Mesmo o Senhor sendo um “Deus de amor e fidelidade” (Ex 34,6), o povo de Israel insiste na infidelidade e na busca de outros deuses, traindo a aliança e afastando-se da vontade de Deus.

Entretanto, “Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16). A resposta de Deus à infidelidade

humana é o envio de Jesus, o filho, para manifestar à humanidade quem é Deus, qual o seu rosto e a sua vontade. Por conseguinte, mostrar quem é o ser humano, qual a sua vocação e a sua destinação. A nova relação com Deus acontece por meio de Jesus Cristo, que conhecemos nos relatos evangélicos.

No Antigo Testamento, a palavra “discípulo” é quase ausente (FEUILLET, 2009, p. 240-242). Entretanto, há exemplos de um indivíduo vinculado a um líder (Eliseu que segue Elias – 1Rs 19,19-21), de grupo de pessoas que rodeia um profeta (Is 8,16) e dos sábios que tinham um elenco de alunos a quem chamavam de “filhos” (Pr 1,8.10; 2,1; 3,1). Os profetas e sábios informavam os ensinamentos tradicionais da religião e não podiam suplantam a Palavra de Deus, cujo conteúdo é a aliança, com suas doutrinas particulares.

Após o retorno do exílio da Babilônia, a lei se torna objeto de ensino e os mestres responsáveis por esse intento passam a se chamar “doutores da lei”. Eles informavam as práticas e os costumes da religião judaica. Com isso, também acrescentavam suas próprias tradições e equiparavam os seus preceitos secundários com o que era essencial à lei. No tempo de Jesus, muitos embates entre Jesus e os “doutores da lei” aconteciam por causa da interpretação da lei (Mt 23,2.16-22).

Exceto algumas menções dos discípulos de Moisés (Jo 9,28), do Batista (Mc 2,18; Jo 1,35; At 19,1) ou dos fariseus (Mt 22,16), a palavra discípulo (*mathetês*) se reserva quase exclusivamente àqueles que reconheceram Jesus por seu mestre. Nos evangelhos, mencionam-se os 12 (Mt 10,1; 12,1), os que seguem o Messias (Mt 8,21; Lc 6,17; 19,37; Jo 6,60), e o grupo dos setenta e dois discípulos enviados em missão (Lc 10,1). No livro dos Atos dos Apóstolos, sobretudo após o capítulo sexto, o discípulo é todo aquele que acredita em Cristo, mesmo que não o tenha conhecido em sua vida terrestre (At 6,1; 9,10-26).

Um discípulo de Jesus se distinguia dos discípulos dos outros mestres daquele tempo. Para se tornar discípulo dele não bastavam aptidões intelectuais ou morais, mas a iniciativa gratuita do mestre galileu (Mc 1,17-20; Jo 1,38-50) que acolhia aqueles a quem o Pai enviasse (Jo 6,39; 10,29; 17,6.12). Jesus chamava ao seguimento e isso exprimia uma vinculação à sua pessoa, desprendendo-se de si mesmo, dos bens e dos familiares para conformar a própria vida à do mestre. Do contrário, os discípulos dos fariseus podiam se separar do mestre e formar uma escola própria.

O discipulado de Jesus se distingue das outras formas de discipulado de seu tempo. O mestre, a vida, a forma, o ensino, a escola e a doutrina diferem dos demais mestres daquele tempo (PAGOLA, 2011, p. 287-318). Consequentemente, o discípulo diante de sua personalidade assume a identidade do mestre. Acompanharemos como essa dinâmica se realiza no evangelho de Marcos.

3 O DISCIPULADO EM MARCOS

Marcos é o mais antigo dos quatro evangelhos e serviu de fonte para Mateus, Lucas e João elaborarem seu próprio escrito. No entanto, ele foi, no decorrer do tempo, menos privilegiado, em detrimento dos outros. No século XX, houve uma redescoberta de Marcos, percebendo-se sua estrutura teológica e literária bem consistente, que convida o leitor-ouvinte ao encontro e ao seguimento de Jesus, o Cristo e Filho de Deus.⁴

Compreendemos o enredo do evangelho de Marcos como um “caminho” (KONINGS, 1994, p. 7-8). Para a Escritura, o caminho recorda a experiência fundamental do povo de Israel, que era um povo nômade, itinerante e que saiu do Egito para uma terra dada pelo Senhor. Nem mesmo a instalação do povo, por Josué, no lugar prometido significou o fim do caminho. O caminho material se tornou símbolo do caminho ético e espiritual, da saída de outros cativeiros para novas realizações.

No evangelho de Marcos, Jesus caminhou junto com João Batista na região do Rio Jordão (Mc 1,1-13). Depois, percorreu a Galileia e os arredores pagãos (Mc 1,14-10,52), pregando a conversão à boa nova e a proximidade do reinado de Deus. Finalmente, Jesus passou pela Judeia, onde foi morto, crucificado na cruz (Mc 11,1-16,8), deixando para os discípulos a incumbência de se reencontrarem com ele na Galileia (Mc 16,7; Mt 28,7), onde, ressuscitado, os haveria de preceder.

Esse “caminhar” é o percurso do discipulado. Muitas vezes o leitor se depara com o apelo: “vinde após mim” (1,27); “segue-me” (2,14); “foi seguindo pelo caminho” (10,52) (COCKERILL, 2016, p. 29). Conforme vimos, Jesus inicia sua missão preparando-se com João Batista e percorrendo a Galileia, onde ele chama os primeiros discípulos (Pedro, André, Tiago e João) e ensina-lhes por meio de palavras e ações. Os discípulos são constituídos para estar com o mestre e sair para pregar com autoridade sobre os espíritos impuros (Mc 3,14). Eles são continuadores do que viram e ouviram de Jesus, sentindo-se na missão daquele que aos poucos eles foram conhecendo. O processo dinâmico se propaga para mais seguidores.

Da Galileia, Jesus se dirige também aos arredores do lago de Genesaré e atinge os pagãos (Mc 7,24-10,46). Ele é enviado para os judeus, mas muitos destes não o reconheceram. Muitos pagãos aceitam e manifestam uma fé maior do que o povo escolhido por Deus (Mc 7,29). A salvação trazida por Jesus e anunciada posteriormente pelos discípulos não se restringe a um povo apenas, mas alcança toda humanidade. Os discípulos, assim como o mestre, não podem se limitar a alguns; devem, antes, pretender chegar a todos com largos horizontes, ecoando os gestos de amor e acolhida do mestre.

Enfim, o ministério de Jesus em Jerusalém é o cume de sua vida e o efeito de sua pregação. Sua morte e ressurreição não podem ser compreendidas como um apêndice à sua vida, mas como consequência de sua doação e obediência ao plano do Pai. A cruz é a consequência

⁴ Para uma listagem dos estudos sobre Marcos, ver Minette de Tillesse (1992, p. 105-118). Sobre o tema do discipulado nas pesquisas recentes, ver Christal (2011, p. 39-42).

da fidelidade de Jesus, a que o Pai responde ressuscitando-o dentre os mortos. Para os discípulos, a paixão e a morte de cruz eram incompreensíveis (Mc 8,31-33; 9,30-32; 10,32-34). No entanto, esse escândalo e essa loucura (1Cor 1,23) tornam-se o anúncio ousado da comunidade cristã após a ressurreição de Jesus. Manifesta-se quem ele é e como ele é na cruz, revelando que Deus é um pai que não abandona o filho e nos dá o Espírito Santo para que o reconheçamos.

Caminhar significa proceder, agir, conduzir a vida como Jesus. Ele nos mostra o caminho e ele mesmo se diz o “caminho” (Jo 14,6). Então, mais do que percorrer um trajeto geográfico, entrar na dinâmica do discipulado significa conhecer profundamente quem é Jesus e como é sua missão.

Enquanto se caminha, reconhecemos quem é Jesus. A primeira parte do evangelho de Marcos (1,16-8,30) caracteriza-se pelas tentativas de resposta à pergunta: “quem é ele?” (1,27; 4,41; 6,14-16; 8,27). Quem é este que ensina como quem tem autoridade, cura as enfermidades, expulsa os demônios, domina a natureza e enfrenta os grupos religiosos daquele tempo? Pedro responde: “tu és o Cristo” (Mc 8,29) (PENNA, 2014, p. 76-77). Aquele nazareno taumaturgo e pregador andarilho é o Messias aguardado de Israel.

No entanto, a resposta de Pedro ainda não é suficiente, não bastava reconhecer Jesus como o Cristo, mas necessitava-se entender de que maneira ele é o Cristo, de que modo ele realiza sua missão. A segunda parte do evangelho de Marcos (8,30-16,8) demonstra que ele é um messias diferente, ele é à maneira do misterioso “Filho do Homem” (Dn 7),⁵ que assume, por fidelidade ao Pai e aos seus irmãos, o sofrimento e a morte como o “servo sofredor” (Is 42). Na cruz, ele é reconhecido pelo pagão: “Verdadeiramente este homem era Filho de Deus” (Mc 15,39). Então, “filho de Deus” é a confissão de fé concluída que define quem é Jesus, antes professada apenas pelos demônios e proclamada pelo pai na transfiguração (Mc 9,7), agora apresentada e proclamada por toda humanidade pela boca de um pagão.

Nós que lemos esses trechos hoje e entramos nessa dinâmica, assumimos em nossas vidas um “caminhar” com Jesus, que é também reconhecimento gradual de sua pessoa e de sua ação. Cockerill (2016, p. 30) sugere que o evangelho de Marcos, de acordo com sua estrutura literária, deve ser compreendido como um itinerário para o discipulado. Tornar-se discípulo significa relacionar-se constantemente com o mestre, aderir a seus ensinamentos e transmitir essa vivência. Desta forma, que continuemos o caminho de Jesus e tentemos descobrir quem é ele e ouvir o seu chamado.

Assim como os discípulos reconhecem Jesus na medida em que vivem, o escutam e experimentam o mestre, nós, cotidianamente, com nossa relação com Deus, crescemos no

⁵ Caetano Minette de Tillesse faz um paralelo entre as quatorze vezes em que aparece a expressão “Filho do Homem” com as quatorze vezes que aparece a expressão “Reino de Deus” em Marcos (1996, p. 590). Ele argumenta que o título messiânico “Filho do Homem” é uma chave de interpretação do segundo evangelho e recapitula os dois outros títulos (Cristo e Filho de Deus). Fora dos sinóticos, o termo “Filho do Homem” aparece apenas em: Jo 5,27; At 7,56; Hb 2,6 (citando o Sl 8,5-7); Ap 1,13; 14,14 (citações de Dn 7,13). Do total de 86 ocorrências em todo o Novo Testamento, 81 estão nos sinóticos.

conhecimento de Jesus, o Cristo, o filho de Deus, que se revela a nós e nos faz reelaborar nossas concepções para compreendê-lo como uma perene novidade que nos atrai para o seguimento. Então, olhemos, a partir de uma perícopes, o elenco dos 12 que nos serve de motivação para a empreitada para a qual somos chamados, mesmo no desafiador contexto de pandemia.

4 O ELENCO DOS 12 (MC 3,13-19)

A perícopes se situa na primeira parte do evangelho de Marcos, em que o autor, após a abertura (1,1-15), apresenta quem é Jesus (1,16-8,26). Primeiramente, Jesus se situa com os primeiros discípulos em torno de Cafarnaum (1,6-3,6). Depois, ele elege os 12 e passa de um lado ao outro do lago de Genesaré (3,7-6,6).

Precedendo à nossa perícopes, temos o relato das multidões vindas da Galileia e dos arredores para encontrar Jesus (3,7-12). Para ser ouvido, ele sobe numa barca dos pescadores. Aquela quantidade de pessoas apertava-o, pois queria tocá-lo, a fim de ser curada. Os espíritos impuros reconheciam Jesus e exclamavam: “Tu és o Filho de Deus!” (3,11).

Jesus, como descrito em várias passagens de Marcos, proíbe a manifestação de sua identidade. Nos exorcismos, ele proíbe manifestar sua identidade: Marcos 1,23-25; 1,34; 3,11; 5,6-7. Os milagres também apresentam a injunção de silêncio: Marcos 1,43-45; 5,37-43; 7,36-37; 8,26.

Passadas as atividades, há a necessidade de um refúgio para pensar melhor nos acontecimentos. Jesus subiu ao monte, chamou os que ele queria e foram até ele. Mesmo já tendo relatado o chamado dos quatro primeiros discípulos (1,16-20) e de Levi (2,13-14), Marcos apresenta agora a lista dos 12.

Esse momento é importante para os discípulos escolhidos e para a missão de Jesus. Os seguidores do nazareno não consistem apenas na multidão sedenta por curas e milagres, mas por pessoas fiéis que querem uma proximidade com o mestre para se iniciarem no mistério do Reino de Deus (Mc 4,11). Com a eleição dos 12, o mestre evidencia que o objetivo de seu ministério não é o entusiasmo frenético ou a aglomeração das massas, mas a constituição de verdadeiros discípulos, núcleo da futura Igreja, uma comunidade de fé, e continuadores da sua missão. O discípulo passa da multidão admiradora para o seguimento comprometido do mestre.

O episódio se situa na montanha, ao ar livre, na região colinosa do lago de Genesaré, como um “novo Sinai”. Jesus não está mais assediado pelas inúmeras pessoas, mas na solidão, com aqueles escolhidos que foram até ele. O cenário propicia um discernimento e uma decisão de vida. O Messias constitui 12 para ficar com ele e, conseqüentemente, propagar a sua mensagem, formando um “novo Israel”. O grupo dos discípulos assume um rosto concreto e ganha uma identidade distinta da multidão.

O número 12 não é arbitrário. Há um propósito por corresponder às 12 tribos de Israel. Mesmo quando Judas sai do grupo, ele é substituído por Matias (At 1,15-26). Como o Messias congregaria um novo povo de Deus, Jesus reúne um novo Israel a partir dos que creem nele,

formando um novo povo para a nova aliança. Marcos relata “dos doze” ou “dos doze discípulos” para designar o grupo de seguidores de Jesus (Mc 3,14; 4,10; 6,7; 9,35; 10,32; 11,11; 14,10.17.20.43). Eles são chamados “apóstolos” apenas quando se faz referência à sua verdadeira missão (Mc 6,30) (SCHMID, 1981, p. 114).

A primeira finalidade do grupo eleito é permanecer com Jesus (3,14). Mais do que uma companhia para as viagens e trabalhos cotidianos, estar com Jesus significa compartilhar sua vida, sua história, desafios e conformar a própria vida à dele, inclusive quanto a incompreensões, perseguições e morte. Mantendo-se com Jesus, percebe-se verdadeiramente Deus e entra-se na dinâmica de sua missão.

Por conseguinte, os discípulos são enviados a pregar com autoridade para expulsar os demônios. O que se experimenta e se descobre da vida do Messias necessita ser transmitido. O discípulo recebe para tal empreitada a mesma autoridade (*exousia*) do mestre para expulsar os demônios, isto é, aquilo que é adverso e oposto ao Reino de Deus. Marcos fala muitas vezes do poder e da autoridade (*exousia*) de Jesus sobre os espíritos impuros (1,27; 3,15), sobre o sábado (2,28), sobre o pecado (2,10). Deus outorga essa faculdade ao “Filho do Homem”, que é o Cristo (Dn 7,13-14).

Continuando a vida do nazareno, o discípulo se confronta com as inimizades do reino, mas de posse da autoridade dada pelo mestre, pode-se vencê-las, pois a pregação não consiste apenas em palavras, mas em ações. A missão dos discípulos é continuidade da missão do Messias. O envio dos discípulos acontece pouco e até a ida após a ressurreição de Cristo (Lc 10,1-24; At 1,8) (SCHMID, 1981, p. 115).

Então, Jesus constitui 12 para tais tarefas (3,14.16). O termo “constituir” remete-nos aos textos do Antigo Testamento, nos quais são designados os responsáveis pela comunidade. O mesmo termo (*poiein*) é usado na LXX para referir-se à indicação dos sacerdotes (1Rs 12,32; 13,33; 2Cr 2,18) e Moisés e Aarão (1Sm 12,6). Portanto, os discípulos de Jesus lideram a nova composição do povo de Deus.

Encabeça a convocação dos 12, Simão, a quem foi imposto o nome de Pedro. Com isso, designa-se o líder dentre aqueles líderes e o que ele necessita ser entre eles: uma rocha, representando a solidez e a firmeza de sua adesão a Cristo. Adiante, Marcos só chamará Simão pelo nome dado por Jesus: Pedro (Mc 5,37; 8,29.32.33; 9,2.5; 10,28; 11,21; 13,3; 14,29-72; 16,7). Em todas as listas dos discípulos, Pedro aparece em primeiro (Mt 10,1-4; Lc 6,12-16; At 1,13).

A seguir, a lista dos outros discípulos. Os dois subsequentes, os irmãos Tiago e João, filhos de Zebedeu, também recebem um novo nome de “filhos do trovão”, por causa do gênio impetuoso (5,37; 9,2; 14,33). Eles e Pedro têm a confiança de Jesus e participam de ocasiões importantes de seu ministério (5,37; 9,2; 13,3; 14,33). Depois, André, Filipe,⁶ Bartolomeu,⁷

⁶ André e Filipe, juntamente com Pedro, são de Betsaida (Jo 1,44).

⁷ Conforme João 21,2, Bartolomeu é também denominado de Natanael (Jo 1,45), natural de Caná.

Mateus, Tomé, o outro Tiago (filho de Alfeu) e o outro Simão (o zelota – Lc 6,15; At 1,13). Finalmente, a lista se encerra, como nas outras listas, com aquele que ficou conhecido pela traição e deserção do grupo: Judas Iscariotes.

Formado o grupo dos discípulos, Jesus sobrepõe a seus membros os vínculos pela causa do reino aos vínculos familiares, tão importantes para a cultura oriental.⁸ Doravante, importa o reconhecimento da pessoa de cada um deles e da missão, o mistério que cada um porta consigo e o que cada um revela de Deus, mais do que sua origem geográfica, os familiares ou as relações terrenas. Os discípulos, aqueles que fazem a vontade de Deus, são a nova família de Jesus (4,35).

Os trechos seguintes apresentam o confronto de Jesus com seus parentes (3,20-21), que queriam deter sua missão; a discussão com os chefes religiosos, que atribuem sua atuação ao demônio (3,22-30); e os verdadeiros parentes de Jesus (3,31-35).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto (Mc 3,13-19) apresenta a constituição dos 12 discípulos por Jesus para duas principais finalidades: estar com ele e anunciar sua mensagem com autoridade sobre os demônios. Uma finalidade implica a outra. Ninguém anuncia o Evangelho sem antes conhecer (estar com ele) e, na medida em que o conhece, proclama-o.

Ser discípulo é ser missionário e vice-versa, conforme amplamente nos relata o *Documento de Aparecida*: “todo discípulo é missionário, pois Jesus o faz partícipe de sua missão, ao mesmo tempo em que o vincula a ele como amigo e irmão.” (DAP 144). O discípulo é aquele que aprende do mestre. “Quando cresce no cristão a consciência de pertencer a Cristo, em razão da gratuidade e alegria que produz, cresce também o ímpeto de comunicar a todos o dom desse encontro.” (DAP 145). Especificamente, o cristão capta da vida, do ensinamento e de sua união com Jesus o conteúdo para o anúncio subsequente (missão).

O apóstolo (enviado) cristão comunica aquilo que recebeu a partir da própria experiência de fé (estar com Jesus), como um transbordamento de seu contato com Deus, para as outras pessoas, por meio de palavras e ações, especialmente aos mais necessitados. Contudo, o anúncio porta a autoridade de Jesus para banir o mal e o pecado e manifestar o amor de Deus.

Naquele tempo, Jesus constitui 12 como um núcleo a partir do qual outros passariam a crer nele, estando com ele para anunciá-lo. Lemos aquele elenco e somos hoje mais do que 12, novos Simões, Tiagos, Andrés etc. Urge a realidade de ler nossos nomes no elenco atual, porque Jesus lança para nós o mesmo convite feito àqueles galileus há dois milênios. Assim, como acolhemos a fé e seguimos a Jesus, precisamos transmiti-la para ampliar o rol de testemunhas do mistério do Reino de Deus (VIEN, 2012, p. 49-51).

⁸ O estudo de Barton (1994, p. 121-122) destaca essa característica de ruptura com os familiares nos evangelhos de Mateus e Marcos. Não se trata de ser antifamiliar, mas da exigência do discipulado de Jesus.

Os desafios hodiernos são diferentes dos enfrentados pelos primeiros discípulos. Outrora, os discípulos temiam perseguições e incompreensões por parte dos próprios familiares e até duvidavam da veracidade da mensagem de Jesus. Passados séculos de fé cristã, sofremos com outros temores nesse contexto pandêmico. Os primeiros discípulos não obtiveram uma resposta pronta de Jesus, mas reagiram às provocações a partir de suas experiências com o ressuscitado, por causa do compromisso do seguimento que tinham.

Não obstante os entraves atuais, Deus continua falando e se manifestando, continuando seu apelo para estar com ele e anunciá-lo. Diante de inúmeras novidades desafiadoras e do enorme risco da desesperança, temos como seguro rumo a voz de Deus que incessantemente nos chama. À medida que respondemos e caminhamos, ultrapassaremos os obstáculos que nos vêm, removeremos montanhas e celebraremos a vitória de Deus. Só há fé autêntica no seguimento a Jesus Cristo. ✨

REFERÊNCIAS

AMADO, Joel P. Mais que loucura: o desafio de seguir Jesus no século XXI. In: RUBIO, Alfonso G.; AMADO, Joel P. (Orgs.). **Espiritualidade cristã em tempos de mudança: contribuições teológico-pastorais**. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 17-32.

BARTON, Stephen. **Discipleship and family ties in Mark and Matthew**. Cambridge: Cambridge Press, 1994.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CHRISTAL, Jonas. **Disciples and discipleship in the gospel of Mark: a study of Mark 10:23-31 in relation to the concept of discipleship in the Markan narrative**. 2011, 90 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Boston College School of Theology and Ministry, Boston College, Newton, 2011.

COCKERILL, Gareth. The invitation-structure and discipleship in the gospel of Mark. **The Journal of Inductive Biblical Studies**, Nova York, v. 3, n. 1, p. 28-43, jan./mar. 2016. Disponível em: <<https://place.asburyseminary.edu/jibs/vol3/iss1/4/>>. Acesso em: 4 set. 2020.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe**. São Paulo: Paulus, 2007.

FEUILLET, Andre. Discípulo. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (Dir). **Vocabulário de teologia bíblica**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 240-242.

FRANCISCO. **Exortação apostólica Evangelii gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. São Paulo: Loyola, 2013.

FRANCISCO. Momento extraordinário de oração em tempo de epidemia presidido pelo papa Francisco. **A Santa Sé, 27 de mar. 2020**. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200327_omelia-epidemia.html>. Acesso em: 4 set. 2020.

HALÍK, Tomáš. **O sinal das igrejas vazias: para um cristianismo que volta a partir**. Prior Velho: Paulinas, 2020.

KONINGS, Johan. **Marcos**. São Paulo: Loyola, 1994.

MINETTE DE TILLESSE, Caetano. Evangelho de São Marcos: nova tradução estruturada, análise estrutural e teológica. **Revista Bíblica Brasileira**, Fortaleza, v. 9, n. 1-2, p. 105-240, jan./jun. 1992.

MINETTE DE TILLESSE, Caetano. O Deus pelas costas: teologia narrativa do Novo Testamento. **Revista Bíblica Brasileira**, Fortaleza, v. 13, n. 1-4, p. 565-594, 1996.

PAGOLA, José A. **Jesus: aproximação histórica**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

PENNA, Romano. **A formação do Novo Testamento em suas três dimensões**. São Paulo: Loyola, 2014.

SCHMID, Josef. **El evangelio según San Marcos**. Barcelona: Herder, 1981.

VIEN, James H. N. L. **Discipleship in Mark's gospel and its implications to contemporary religious life**. 2012, 64 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Macau, 2012.

Recebido em: 31/10/2020.

Aceito em: 10/12/2020.